

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**Inteligência Emocional, Satisfação com a vida e
Desempenho Académico dos Estudantes de Medicina:
um estudo em Portugal**

Joice Bahia de Oliveira Kjolner Worm

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia dos Recursos Humanos, do Trabalho e das Organizações)

2016

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**Inteligência Emocional, Satisfação com a vida e
Desempenho Académico dos Estudantes de Medicina:
um estudo em Portugal**

Joice Bahia de Oliveira Kjolner Worm

Dissertação Orientada pela Professora Doutora Maria José Chambel

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia dos Recursos Humanos, do Trabalho e das Organizações)

2016

Agradecimentos

Em primeiro lugar quero agradecer à minha orientadora, Professora Doutora Maria José Chambel, pela forma meiga como sempre disponibilizou a sua incansável competência na mensagem sobre o objectivo fundamental do presente trabalho e pelas palavras motivadoras que foi enviando ao longo da sua elaboração. Agradeço também à Doutora Vânia Carvalho o paciente apoio disponibilizado durante as horas de supervisão, quer presenciais quer através de correios electrónicos, de grande mais-valia esclarecedora e enriquecedora dos meus conhecimentos.

Agradeço à equipa da Biblioteca da Faculdade de Psicologia e Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Em especial à Doutora Tatiana Sanches, que me foi incentivando a ignorar os obstáculos e continuar sem medo de errar, ao mesmo tempo que me oferecia os seus conhecimentos profissionais. À Dra. Cristina Lopes, no auxílio das pesquisas e aplicação das normas técnicas e à Dra. Sofia Coelho na ajuda para a tradução do Resumo (*Abstract*). Todas oferecendo-me ajuda com um brilho especial nos olhos, brilho de quem vibra com o sucesso do outro como se fosse o seu próprio sucesso.

À minha querida ex-Professora Doutora Ana Saraiva, que nunca deixou de acreditar em mim, fazendo com que continuasse a trabalhar para afinal, convencer-me que sim... que conseguiria chegar ao fim.

Às minhas colegas, Luísa Domingos e Verónica Tiperciuc, que perguntavam sempre em que ponto me encontrava para, de forma incentivadora, concluírem sabiamente: “falta pouco”.

À minha família, que por serem como são, desde o início desta jornada jamais permitiram que eu me sentisse desacompanhada. Foi como se todos os dias percebesse que as suas mãos estavam pousadas sobre o meu ombro em sinal de amor, apoio e companheirismo.

E finalmente a todos aqueles que indiretamente colaboraram para que o tempo de dedicação e concentração fosse possível.

Muito obrigada!

Índice Geral

RESUMO	3
ABSTRACT	4
1. INTRODUÇÃO	5
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	7
2.1. Inteligência Emocional (IE)	7
2.1.1. A Inteligência Emocional como um modelo de competências	10
2.1.2. Escala de Medida da Inteligência Emocional – WLEIS	11
2.2. Satisfação com a vida (SV)	12
2.2.1. Escala de Medida da Satisfação com a vida – SWLS	14
2.2.2. Formulação de Hipótese entre a IE e a SV (H1)	15
2.3. Desempenho Académico (DA)	15
2.3.1. Formulação de Hipótese entre a IE e o DA (H2)	16
2.4. Esquema das relações das hipóteses	17
3. MÉTODO	17
3.1. Amostra	17
3.2. Procedimentos	18
3.3. Medidas	18
3.4. Método de Análise de dados	20
4. RESULTADOS	21
4.1. Análise Fatorial Confirmatória	21
4.2. Valores médios, desvio-padrão e correlações entre as variáveis	22
4.3. Modelos de Equações Estruturais	23

5. DISCUSSÃO DE RESULTADOS	24
5.1. Limitações e estudos futuros	26
5.2. Conclusão	26
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28

Resumo

Para enfrentar com êxito o mercado laboral, é necessário uma formação integral que englobe conhecimentos académicos e habilidades sócio afetivas (UNESCO, 1998). Atualmente, tanto a nível empresarial como a nível académico, tem-se verificado uma crescente importância das características emocionais do indivíduo fazendo com que esse interesse repercuta diretamente sobre os estudantes universitários, que por sua vez são constantemente pressionados pelas exigências profissionais, razão do seu empenho e motivação. Considerando a importância da inteligência emocional (IE) dos estudantes de medicina, esta pesquisa tem por objetivo central verificar se essa variável está relacionada com o desempenho académico (DA) e com a satisfação com a vida (SV) de uma amostra de 735 alunos. Foram utilizados o instrumento de medida da escala de Inteligência Emocional de Wong & Law (WLEIS) validada com os estudantes de medicina numa amostra portuguesa, a escala de Satisfação com a vida de Ed Diener e colegas (SWLS) e as notas alcançadas pelos alunos para avaliar o Desempenho Académico (DA). Os resultados obtidos sugerem que existe uma relação positiva da dimensão regulação das emoções quer com a SV quer com o DA dos alunos. Implicações para os estudantes de medicina são discutidas.

Palavras-chave: Inteligência Emocional; Desempenho Académico; Satisfação com a vida; Estudantes de Medicina.

Abstract

To face the labour market successfully, a comprehensive education that includes academic knowledge and socio-affective skills is necessary (UNESCO, 1998). Currently, both on the entrepreneurial level and on the academic level, more and more importance is given to the individual's emotional characteristics. This growing interest is directly reflected on university students who, in turn, are under constant pressure due to the professional demands that they are committed to and motivated by. Considering the importance of medical students' emotional intelligence (EI), the main aim of this study is to verify whether this variable is related to the academic achievement (AA) and to the life satisfaction (LS) of a sample of 735 students. The Wong & Law Emotional Intelligence Scale (WLEIS), validated with medical students in a Portuguese sample, and the Satisfaction With Life Scale (SWLS), by Ed Diener and colleagues were used, and the scores obtained by students were used to assess Academic Achievement (AA). Results suggest a positive relationship between the emotional regulation dimension and both students' LS and AA. The implications for medical students are arguable.

Key words: Emotional intelligence; Academic achievement; Life satisfaction; Medical students.

1. Introdução

Atualmente, a sociedade tem exigido e valorizado algo mais que apenas as competências acadêmicas dos alunos. Trata-se da pessoa inteligente. Aquela que demonstre capacidades e habilidades emocionais que influenciem na adaptação psicológica no seu entorno e que alcance êxito pessoal e profissional (Pacheco & Berrocal, 2003).

Os estudantes do Ensino Superior, logo nos primeiros instantes de ingresso a esse nível de estudos, deparam-se com inúmeras condições adversas perante os quais não estão ainda preparados. Como consequência, enfrentam momentos de *stress* que os obrigam a reagir de forma imediata e eficaz em prol de uma nova adaptação ao contexto (Soares, Francischetto, Dutra, Miranda, Nogueira, Leme, Araújo & Almeida, 2014). Este desempenho será constantemente solicitado ao longo do ano letivo. Por esse motivo, todos estes novos desafios exigirão deles autonomia e maturidade que garantam o seu sucesso (Soares et. al., 2014).

Um pouco por todo o mundo tem-se verificado, através de diversas contribuições de pesquisas, uma crescente preocupação em perceber os motivos que levam o estudante universitário a envolver-se ou não com a instituição, a melhorar sua autoavaliação ou maturidade, a aumentar os níveis de satisfação interpessoal (Igue, Bariani & Milanesi, 2008) ou pelo lado negativo, a enfrentar fenómenos como: baixas classificações, absentismo, disciplinas em atraso, mudanças de curso ou abandono escolar (Igue et col., 2008).

Este trabalho tem por objetivo averiguar qual a relação que existe entre as variáveis Inteligência Emocional (IE), Desempenho Académico (DA) e a Satisfação com a Vida (SV). Seguindo a mesma linha, várias investigações vêm sendo realizadas a

nível do conhecimento das capacidades intrínsecas do estudante universitário de medicina. No nosso estudo, portanto, pretendemos verificar o impacto que o uso das competências inerentes à Inteligência Emocional exerce sobre o desempenho académico e o bem-estar geral de estudante desta área académica.

Para que o estudo seja bem compreendido, preliminarmente serão descritas as devidas fundamentações teóricas sobre as variáveis em epígrafe; a Inteligência Emocional (IE) como modelo de competência e os impactos e benefícios da IE na vida do estudante de medicina, nomeadamente no seu desempenho e no seu bem-estar. Metodologicamente, o estudo faz uma análise detalhada dos resultados de um inquérito aplicado a uma amostra de 735 alunos do curso superior de medicina numa faculdade em Portugal.

Os instrumentos de análise serão igualmente descritos. Finalmente, serão apresentados os resultados, discussão e reflexão sobre a emergência da continuidade deste estudo.

2. Fundamentação Teórica

2.1. Inteligência Emocional (IE)

Desde os finais do século XX, o conceito de **inteligência** tem sido alvo de investigações e discussões, modificando-se ao longo do tempo à mesma proporção que novos estudos vão sendo realizados. Wechsler (1944), afirmava que a inteligência deveria ser entendida como um constructo multidimensional, não apenas uma habilidade intelectual, mas também uma manifestação da personalidade não intelectivas (Wechsler, 1943). Este autor definiu que a inteligência é “a capacidade de um indivíduo para atuar com um propósito, pensar de forma racional e lidar com eficácia na relação com o meio em que se insere”. Mais tarde, encontrou importância nos fatores não cognitivos da inteligência como a capacidade para perceber e agir em função de valores sociais, morais e estéticos (Wechsler, 1975).

A inteligência emocional tem origem no termo latino “*intelligentia*” que significa “compreensão” ou melhor, “capacidade de compreender”. Trata-se de um sistema complexo em que tradicionalmente se pensava que era composto por três tendências indissociáveis: capacidade de enfrentar novas situações, adaptando-se a elas; capacidade de pensar de forma abstrata e utilizar esse pensamento com eficácia e capacidade de aprender (Monteiro & Santos, 1995). Atualmente é um objeto de investigação multidisciplinar onde, admite-se, existem outras formas de inteligências noutros sistemas biológicos (Alonso, Alonso, Balmori & Grupo GAPP, 2002). Mas, tratando-se da inteligência humana, segundo Jerome Bruner (in Alonso & al., 2002), não podemos desvincular a inteligência da cultura onde ela se desenvolve. Como tal, é também nesse âmbito que o indivíduo experiencia as suas emoções.

Por sua vez, a palavra **emoção** ainda promove discussão entre psicólogos e psiquiatras (Goleman, 1995). É interessante reconhecer os esforços pela compreensão do seu significado: O dicionário *Oxford English* (in Goleman, 1995) define como “uma agitação ou perturbação do espírito, sentimento, paixão; qualquer estado mental excitado ou veemente”; No Dicionário Priberam da Língua portuguesa, descrita no item psicologia, define como: “Conjunto de reações, variáveis na duração e na intensidade, que ocorrem no corpo e no cérebro, geralmente desencadeadas por um conteúdo mental”. Para Filliozat, Cunha, Brito e Mesquita (1997), o papel das emoções é o de assinalar os acontecimentos que são significativos para o indivíduo e motivar os comportamentos que permitem geri-los. Para Goleman (1995), a “emoção” é interpretada como “um sentimento e raciocínio daí derivados, estados psicológicos e biológicos e o leque de propensões para a ação”. Informa-nos ainda, na sua obra *Inteligência Emocional*, que para Paul Ekman (2003), pioneiro no estudo das emoções e expressões faciais, pelo menos 4 competências podem ser melhoradas pelo indivíduo com a compreensão das suas emoções: (1) Tornar-se mais consciente de quando se está a tornar emocional; (2) Escolher como se comportar quando está a ficar emocional de forma a conseguir atingir os objetivos sem magoar outras pessoas; (3) Tornar-se mais sensível às emoções dos outros; E (4) usar de forma cuidadosa as informações sobre como os outros se sentem.

Dado que a inteligência e a emoção uniram-se dando lugar a novos estudos, diversos autores têm investigado as razões e lógicas que uma mente emocional dispõe. A recordar, segundo Salovey & Mayer (1990), os primeiros a propor formalmente o conceito da **Inteligência Emocional**, definiram na época que esse constructo é “a aptidão de um indivíduo para monitorizar os seus sentimentos e emoções; bem como os dos outros; discriminar entre eles; e usar essa informação para guiar o pensamento e a

ação”. Mais tarde, Mayer, Salovey & Caruso (2000), defendem que além disso, a IE possui determinadas características relacionadas que manifestam-se através de 4 competências: (1) **Percepção emocional**: Habilidade para perceber, valorizar e expressar as emoções com exatidão; (2) **Facilitação emocional**: Capacidade em gerar sentimentos que facilitem o pensamento; (3) **Compreensão emocional**: Habilidade para compreender emoções de forma a conseguir nomear e identificar como as mesmas podem modificar sentimentos; e (4) **Gerenciamento emocional**: Habilidade para regular as emoções promovendo um crescimento emocional e intelectual.

Esta linha de investigação destaca o uso da compreensão, regulação e estado de ânimo como sendo de grande importância para a adaptação ao meio, bem-estar psicológico e crescimento pessoal, independente do nível cognitivo (Salovey & Mayer, 1990; Mayer & Salovey, 1997). Em síntese, consideraram que, (a) a emoção torna o pensamento mais inteligente; (b) a inteligência cognitiva auxilia o indivíduo a pensar as suas emoções e as dos outros e (c) a ausência desta relação binomial torna o indivíduo emocional e socialmente incapaz, isto é, das três esferas da divisão da mente: motivação, cognição e afeto (Mayer & Salovey, 1995, 1997; Mayer, Salovey & Caruso, 2000), a **cognição** (responsável pelo processamento de informação composta por: memória, raciocínio, julgamento e pensamento abstrato) e o **afeto** (que compreende a diversidade de sentimentos vivenciados com emoção e humor) são importantes para uma melhor compreensão da IE (Mayer & Salovey, 1997). Os mesmos autores também acrescentam que a esfera da cognição e do afeto podem interagir entre si: um estado de humor positivo ou negativo, pode influenciar um indivíduo enquanto este processa um pensamento. Esse mesmo pensamento, por sua vez, pode enviesar a informação obtida em função do seu estado de humor. Neste contexto, as emoções (no aspeto positivo)

podem tornar o pensamento mais inteligente fazendo com que o indivíduo pense de forma inteligente sobre as suas emoções (Mayer & Salovey, 1997).

Perseguindo a proposta do conceito da IE por Mayer e Salovey, Goleman foi um dos autores que contribuiu fortemente para uma melhor compreensão desse constructo. Na sua obra *Emotional Intelligence* (1995), foi-lhe concedido o reconhecimento de ter sido o primeiro a expandir o significado da IE. Nela propõe que a IE compreende quatro aptidões: autoconsciência, consciência social, autogestão e gestão das emoções; dando oportunidade para a existência de cinco domínios: (1) **Domínio das próprias emoções**: Autoconsciência, autoconfiança; capacidade de reconhecer um sentimento quando ele ocorre e propensão para controlá-las; (2) **Lidar com emoções**: Habilidade para tratar devidamente os seus sentimentos, manejando-os de forma a livrar-se das emoções negativas; (3) **Motivar-se**: Capacidade para a auto motivação; otimismo; criatividade e autocontrolo; (4) **Reconhecer emoções nos outros**: Reconhecer sinais que expressem o que as outras pessoas necessitam; (5) **Lidar com relacionamentos**: Competência para trabalhar em equipa (chave da liderança).

2.1.1. A Inteligência Emocional como um modelo de competências

Para que um indivíduo seja hábil numa determinada competência emocional, Goleman (1995) evidencia as aptidões de competências salientando que, as mesmas determinam “o potencial” que o indivíduo tem para “otimizar” uma determinada capacidade, sendo que as competências emocionais são aptidões aprendidas, podendo utilizá-las para lidar com frustrações, controlar impulsos, adiar recompensa, regular o seu próprio estado de espírito e impedir que o desânimo interceda na faculdade de pensar, de sentir empatia ou de ter esperança (Goleman, 1995).

Segundo o autor Bar-On (1997), a IE define-se como um conjunto de competências pessoais, emocionais e sociais, bem como possuir faculdades que influenciam a capacidade de ser bem-sucedido ao lidar com exigências ambientais e pressões (Bar-On, 1997, p.14). Este autor divide a IE em 5 áreas de aptidões e competências: (1) **Aptidões intrapessoais**: autoconsciência emocional; auto-realização; independência; autorespeito e assertividade; (2) **Aptidões interpessoais**: relacionamentos, empatia e responsabilidade social; (3) **Adaptabilidade**: capacidade de resolução de problemas, flexibilidade; (4) **Administração do Stress**: Gerenciamento dos impulsos e tolerância; (5) **Humor Geral**: felicidade e otimismo. Em continuação dos seus estudos, Goleman em 1995, simplificou os conceitos anteriormente elaborados para um conjunto de habilidades importantes como: **autocontrole; entusiasmo; empatia; perseverança e auto motivação**.

2.1.2. Escala de Medida da Inteligência Emocional - WLEIS

Com a preocupação em desenvolver um instrumento de medida que originasse resultados fiáveis com adequada propriedade psicométrica para o constructo de inteligência emocional (IE), os autores Wong e Law, baseados em estudos anteriores de diversos autores e, em particular, pela revisão de literatura conduzida por Davies, Stank & Roberts (1998) apoiados em análises fatoriais das diversas medidas da IE, deram origem à escala de medida conhecida como WLEIS (*Wong and Law Emotional Intelligence Scale*).

No nosso estudo adotaremos a perspetiva proposta por Davies et col., 1998, sobre as definições das principais características da IE, sobre a qual Wong & Law desenvolveram a Escala de Inteligência Emocional (WLEIS). Esta é uma escala de auto avaliação emocional, caracterizada por quatro dimensões distintas: (1) **Avaliação e**

expressão das próprias emoções – dimensão que observa a aptidão individual do indivíduo que perceber suas emoções de forma natural e única. (2) **Avaliação e reconhecimento das emoções nos outros** – Capacidade do indivíduo para reconhecer e compreender as emoções das pessoas no seu entorno; (3) **Regulação das emoções do próprio** – Capacidade de regular suas próprias emoções, possibilitando alternar para estados afetivos positivos; (4) **Utilização das emoções para facilitar o desempenho** – Capacidade do indivíduo para direcionar as emoções percebidas no sentido de facilitar o seu desempenho em atividades a que está envolvido.

Em geral, os estudos realizados com esta escala têm dado suporte a investigações no domínio organizacional, pela mesma possuir validade preditiva em relação às suas variáveis, como por exemplo “satisfação” e “desempenho”, assim como validade convergente com outras medidas e validade discriminante relativa às variáveis de personalidade (Law et al., 2004; Wong & Law, 2002, citado in Rodrigues et al., 2011).

2.2. Satisfação com a vida

O Bem-estar subjetivo (BES) (*Subjective Well-Being – SWB*), é um domínio que aborda o bem-estar geral e é avaliado a partir dos resultados referentes às dimensões da Satisfação com a vida e da Felicidade, as quais se diferenciam pela especificidade dos processos psicológicos que envolvem. Sendo que “a Satisfação com a Vida é considerada uma dimensão de natureza mais cognitiva, representando o balanço psicológico que cada indivíduo faz da sua vida em geral; e a Felicidade, de natureza mais emocional, representando a avaliação de cada indivíduo relativamente às suas experiências emocionais positiva e negativas” (Novo, 2003). Esse constructo, tem-se estruturado em duas áreas de abordagem. Uma no âmbito do desenvolvimento do adulto

e da saúde mental e outra vertente no contexto psicossocial, face à qualidade e à satisfação de acordo com as condições e circunstâncias de vida. Apesar de parecer que possuem os mesmos objetivos, existem formas distintas de conceptualização: Bem-estar subjetivo, que investiga a Felicidade, Satisfação e Experiências Emocionais; e o Bem-estar psicológico para a psicologia do desenvolvimento, clínica e da saúde mental (Novo, 2003).

Os autores entretanto advertem que é condição obrigatória entender alguns dos componentes que fazem parte da satisfação para a maioria das pessoas, como as relações sociais, por exemplo, como possível preditor da felicidade. Seus estudos indicam que as pessoas, em geral, que conseguem pontuações mais altas na escala de satisfação com a vida, tem proximidade dos familiares ou o apoio dos amigos; aqueles que não tem essa mesma experiência sentem-se mais insatisfeitos com a vida e, perante a possibilidade de vir a ocorrer alguma perda que pode levar algum tempo mais para recuperar em comparação com o caso daqueles que se sentem satisfeitos (Diener, Emmons, Larsen & Griffin, 1985).

Por ser uma variável subjetiva, existem outros fatores que podem influenciar a satisfação com a vida: o trabalho, a escola, alguma função de desempenho importante, por exemplo, exercer a função de estudante de medicina; a vida religiosa ou espiritual, aprendizagem e crescimento ou lazer (Diener et al. 1985). Nesses casos, a satisfação com a vida depende das condições favoráveis que faz com que a pessoa goste do que está a fazer. Caso a pessoa tenha objetivos importantes e não consiga progredir ou desenvolver satisfatoriamente, fatalmente terá menos satisfação com a vida. Além disso, consideram-se como fatores de satisfação com a vida, temas como a saúde ou outros que sejam únicos para cada indivíduo, dependendo do seu temperamento, como

tendência particular para ser ou não feliz. Entretanto, arriscam dizer que apesar de não haver uma chave para a satisfação com a vida, é possível que haja ao menos uma receita que venha a ajudar na mudança positiva de bem-estar: (a) incrementar as relações sociais, (b) ter metas importantes para auto superar-se e (c) perguntar a si mesmo como pode desenvolver atitudes mais interessantes (Diener, Sandvik, Seidlitz & Diener, 1993).

2.2.1. Escala de Satisfação com a vida (SWLS)

Ed Diener e colegas (1985), baseados em fundamentações filosóficas e seguindo a linha de estudos de outros investigadores, encontraram uma forma de medir a componente crítica do BES: a Escala de Satisfação com a Vida (SWLS) (Diener et al., 1985). Os autores utilizaram relatórios de pares, medida de memória, e avaliações clínicas como critérios externos para validação e fortaleceram a evidência na confiabilidade e validade preditiva da SWLS. Para tal, o seu desempenho também foi comparado a outras escalas relacionadas. Pretende ser adequado para uso em grandes e diferenciados grupos e aplicações em geral, o que torna possível a economia de tempo e de recursos. Além disso, a “alta convergência das medidas de auto-relatados por pares e de BES e Satisfação com a vida fornecem fortes evidências de que BES é um fenómeno relativamente global e estável, e não simplesmente uma decisão momentânea com base em influências fugazes” (Diener et al., 1985, pp 49, 71-75). É um instrumento curto de 5 itens projetados para medir julgamentos cognitivos globais de satisfação com a vida. A escala normalmente requer apenas cerca de um minuto de tempo de um entrevistado (Diener et al., 1985).

2.2.2. Formulação de Hipótese entre a IE e a SV

Segundo Goleman (1995, p.56), “a inteligência académica não nos dá praticamente qualquer espécie de preparação para o tumulto ou oportunidades que as vicissitudes da vida nos trazem”. Um Quociente de Inteligência (QI) elevado não garante satisfação na vida. Entretanto como já foi referido, recorrendo-se ao domínio da IE, o estudante terá oportunidade de experimentar uma “meta-habilidade” (Goleman, 1995) que possivelmente facilitará o uso de outras capacidades. Sendo assim, e ainda segundo o mesmo autor, as pessoas que fazem uso das aptidões emocionais de forma eficaz, são também aquelas que se revelam mais satisfeitas na vida.

Partindo desta ideia suportada por pesquisas anteriores (e.g. Mayer & Salovey, 1995; Berrocal & Pacheco, 2015), formulamos a primeira hipótese desta investigação:

***H1:** A Inteligência Emocional está relacionada positivamente com a Satisfação com a vida.*

2.3. Desempenho Académico (DA)

O aproveitamento escolar tem como foco a avaliação dos resultados escolares e os respetivos níveis de progressão. Segundo, Veloso et. al (2010), este domínio analítico recai sobre o comportamento dos alunos ao longo do curso baseado em indicadores tais como: a) número médio de inscrições em disciplinas, por aluno e por ano de curso; b) distribuição dos alunos por anos de curso e ramos vocacionais quando aplicável; c) evolução das várias taxas de aproveitamento escolar e classificações médias; d) evolução dos índices de retenção.

Segundo Howard (1986), a média das classificações na medição do desempenho são importantes na medida em que o objetivo do aluno seja ingressar numa organização

na qual ele irá desempenhar uma determinada e pretendida função, ou seja, voltada para as metas, tarefas ou objetivos fundamentais da organização, pelos quais os indivíduos serão avaliados e poderão desenvolver-se.

No nosso estudo, sendo o desempenho uma variável objetiva, a análise foi feita com base na média obtida do último ano.

2.3.1. Formulação de Hipótese entre a IE e o DA

Num dos estudos efetuados por Feitosa, Matos, Del Prette & Del Prette, A. (2009), verificou-se que os adolescentes que não demonstravam dificuldades de aprendizagem tenderam a relatar mais habilidades sociais assertivas do que seus colegas com baixo desempenho acadêmico e com dificuldades de aprendizagem, mas nestes últimos os relatos não diferiram entre si. Por outro lado, evidenciou-se que adolescentes com problemas de aprendizagem estão em situação de risco face à saúde por apresentarem menos competência social, o que, por si só, já oferece uma série de condições geradoras de *stress*.

Segundo Goleman (1995) referindo-se às inteligências pessoais de Gardner, redefinida por Salovey sobre a IE, um dos domínios que pode estar na base da angústia por não conseguir alcançar objetivos é a capacidade de lidar com as sensações emocionais de modo apropriado. Desta forma, o autocontrolo emocional do indivíduo/estudante, está subjacente à sua capacidade de desempenho em qualquer área ou contexto da vida, com o intuito de motivar-se a si mesmo.

Nesta linha de pensamento, nosso estudo propõe uma segunda hipótese:

H2: A Inteligência Emocional está relacionada positivamente com o Desempenho Acadêmico.

2.4. Esquema das relações das hipóteses

O esquema que se segue (Figura 1) apresenta de forma simples e sumária as hipóteses formuladas anteriormente com base na fundamentação teórica.

Por conseguinte, o objetivo é perceber a relação efetiva que existe entre as dimensões IE, SV e DA propondo que a Inteligência Emocional está relacionada positivamente com a Satisfação com a vida e com o Desempenho Académico.

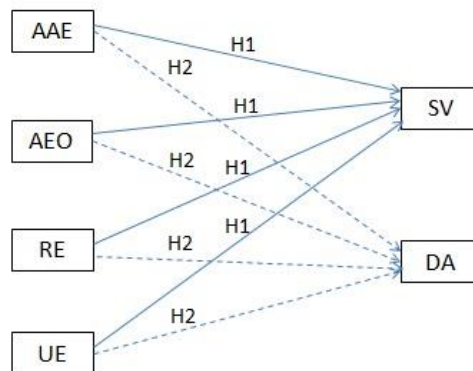


Figura 1: Esquema das relações das hipóteses

Nota: SV (Satisfação com a vida); DA (Desempenho Académico); AAE (Auto-Avaliação Emocional); AEO (Avaliação Emocional dos Outros); RE (Regulação das Emoções); UE (Utilização das Emoções).

3. Métodos

3.1. Amostra

A amostra deste estudo é composta por 735 alunos de medicina de uma Faculdade. Caracterizando-a observamos, que a maioria tem 22 anos e 67,9% são mulheres. Recolhemos dados em todos os anos letivos sendo que a maioria das respostas foi obtida por alunos que estavam no 5º ano. As idades variam entre os 18 e os 56 anos. Quanto ao estado civil, 96% são solteiros.

3.2. Procedimentos

Este estudo está integrado num projeto que resulta de uma colaboração entre o Centro de Investigação de Psicologia da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, coordenado pela Professora Doutora Maria José Chambel.

A recolha dos dados ocorreu durante o ano 2014, através de resposta a um questionário administrado em papel no início de uma aula com aprovação prévia do professor. O questionário foi entregue em mãos aos alunos em questão e demorava cerca de 10 minutos a responder. As instruções estavam escritas no questionário e também foi explicado oralmente aos estudantes que se tratava de um questionário relativo aos vários aspetos da sua vida enquanto estudantes e sobre o modo como se sentiam no seu dia-a-dia.

Foi ainda informado que este questionário não era um teste, não havendo respostas certas ou erradas, e que os estudantes poderiam pedir *feedback* sobre os resultados, fornecendo o email do investigador responsável para tal. Finalmente foi explicado que, a participação do aluno era voluntária e anónima, não existindo qualquer tipo de recompensa. Foi também garantida a confidencialidade e o anonimato das respostas.

3.3. Medidas

Inteligência Emocional: De acordo com a escala de Inteligência Emocional de Wong e Law (*Wong and Law Emotional Intelligence Scale (WLEIS)*, Wong & Law, 2002), medimos a variável IE. Esta escala está traduzida e validada para os estudantes de medicina portuguesa por Carvalho, Guerrero, Chambel e Rico (2016). Esta escala é composta por 4 subescalas, correspondentes às 4 dimensões que compõem a IE, cada

uma delas composta por 4 itens, perfazendo um total de 16 itens. Concretamente, faz parte da versão portuguesa da WLEIS as seguintes subescalas: a subescala de **auto avaliação emocional** (AAE) (e.g. “Apercebo-me realmente dos meus sentimentos a maior parte do tempo”; “Compreendo as minhas emoções”) com um *alpha de cronbach* $\alpha = .85$; a subescala de **avaliação emocional dos outros** (AEO) (e.g. “Sou um bom observador/a das emoções dos outros”; “Compreendo as emoções dos que me rodeiam”) que apresenta um $\alpha = .85$; a subescala de **regulação das emoções** (RE) (e.g. “Posso acalmar-me rapidamente quando estou muito irritado/a”; “Tenho um bom controle das emoções”) com $\alpha = .89$ e a subescala de **utilização das emoções** (UE) (e.g. “Sou uma pessoa auto motivada”; “Incentivo-me sempre a fazer o meu melhor”) com $\alpha = .82$. As 4 subescalas apresentam boa consistência interna, dado que o valor do α para cada uma delas é superior a .70. A resposta aos 16 itens foi realizada numa escala de Likert de 6 pontos, de 0 (nunca) a 6 (sempre - todos os dias).

Satisfação com a vida: Para medir a satisfação com a vida utilizamos a escala de Diener, Emmons, Larsen, e Griffin (1985) que já foi previamente usada na população portuguesa (Carvalho & Chambel, 2014). Esta escala é composta por cinco itens. Um exemplo dos itens que correspondem a esta escala é: “Estou satisfeito com a minha vida” e “Se pudesse viver a minha vida novamente, não mudaria quase nada”. Para responder aos itens os participantes usaram uma escala tipo Likert com sete categorias de respostas ordenadas que variavam entre (1) discordo fortemente a (7) concordo fortemente. Em termos de fiabilidade esta escala revelou um $\alpha = .82$.

Desempenho: a variável desempenho foi avaliada através duma questão colocada no questionário: “Qual a média obtida no seu último ano?”.

3.4. Métodos de Análise de dados

Para análise estatística dos dados utilizou-se o programa estatístico IBM *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS; Windows *software* versão 23.0). No SPSS foi feita a caracterização da amostra quanto a idade, sexo, estado civil e ano de frequência do curso. Calcularam-se valores médios, coeficientes de Pearson e os coeficientes de consistência interna (Alphas de Cronbach) para as variáveis em estudo.

Foi também utilizado o programa SPSS AMOS *software* versão 23.0 para fazer uma análise fatorial confirmatória (AFC), de modo a testar o modelo de medida que foi criado com as variáveis latentes - AAE, AEO, UE, RE, satisfação com a vida, e comparar com o modelo de um só fator como é proposto por Anderson e Gerbing (1988), permitindo fazer a análise confirmatória ao mesmo tempo que testa as relações entre as variáveis e verifica se os dados obtidos se ajustam ao modelo teórico pretendido.

Para realizar o teste de hipóteses, utilizou-se a metodologia de análise dos modelos de equações estruturais (MEE), que permite testar as relações existente entre a variável independente (IE) e as variáveis dependentes (SV e DA). Como é uma análise de um modelo simples de explicação direta, avaliamos como as 4 dimensões da IE (AAE, AEO, UE e RE) se relacionam com a SV e o aspeto objetivo do DA que está refletido na média obtida pelos alunos.

Quer na AFC quer nos MEE a comparação entre modelos teve por base a análise dos resultados e das diferenças de Qui-quadrados e de índices de ajustamento (i.e., o *Standardized Root Mean Square* (SRMS), o *Bentler Comparative Fit Index* (CFI), o *Tuckler Lewis Index* (TLI) e o *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA),

segundo Arbuckle (2003), os modelos ajustam-se razoavelmente bem aos dados quando os valores de CFI e TLI são de .90 ou superiores, quando valores para o RMSEA são de .60 ou inferiores e quando os valores para o SRMS são de .80 ou inferiores.

4. Resultados

4.1. Análise Fatorial Confirmatória

Através da análise fatorial confirmatória verificamos que o nosso modelo de medida, com existência de cinco fatores, revelou um bom ajustamento de dados [χ^2 (179) = 665.33, $p < .001$; SRMR = .04; CFI = .94; TLI = .93; RMSEA = .06] em comparação com um modelo de um só fator, no qual todos os itens saturavam em uma única variável latente [χ^2 (189) = 4438.08, $p < .001$, SRMR = .13; CFI = .48, TLI = .42; RMSEA = .18]. Verificámos ainda que o nosso modelo teórico apresentou o melhor ajustamento de dados ($\Delta\chi^2$ (10) = 3 772.75, $p < .001$) – como se pode verificar na Tabela 1.

Tabela 1. *Análise Fatorial Confirmatória*

Modelos	χ^2	$\Delta\chi^2$	SRMR	RMSEA	CFI	TLI
Modelo Teórico	χ^2 (179)= 665.33		.04	.06	.94	.93
Modelo de 1 Fator	χ^2 (189)= 4438.08	Comparação com o Modelo Teórico $\Delta\chi^2$ (10)=3772.75*	.13	.18	.48	.42

Nota: * $p < .001$

4.2. Valores médios, desvio-padrão e correlações entre as variáveis em estudo

Na Tabela 2 é possível observar as médias, os desvios padrões e as correlações calculadas para as variáveis neste estudo.

Relativo aos valores das médias obtidas, os resultados revelaram que a IE dos alunos apresentam em média um índice de **auto avaliação emocional** ligeiramente positiva, porque numa escala tipo Likert de 7 pontos a média de respostas, situa-se em 4.55 (DP=.88). Na mesma escala, a **avaliação emocional dos outros** apresenta uma média ligeiramente positiva de 4.32 (DP=.83), assim como na **regulação das emoções**, também ligeiramente positiva e na mesma escala, uma média de 4.43 (DP=.94). No **uso das emoções** a média na escala de Lickert de 7 pontos um valor inferior às anteriores de 3.97 (DP=1.03); A satisfação com a vida

Quanto a satisfação com a vida apresentaram uma média positiva, na escala de Lickert de 7 pontos, 5.19 (DP=1.07) e a média do desempenho académico resultante (M =15,38 na escala de Lickert 7 pontos, DP=1.54).

No que diz respeito às correlações como se pode observar na Tabela 2, existe uma correlação moderada positiva e significativa entre as duas variáveis avaliação emocional dos outros e auto avaliação emocional ($r=.40, p<.01$). A variável da regulação emocional e a auto avaliação emocional ($r=.39, p<.01$) e também com a avaliação emocional dos outros ($r=.29, p<.01$). A utilização das emoções com correlações significativas com a auto avaliação das emoções ($r=.38, p<.01$), com a avaliação das emoções dos outros ($r=.38, p<.01$) e com a regulação das emoções com uma correlação significativa ($r=.42, p<.01$).

Os resultados revelam ainda uma correlação positiva e significativa entre a satisfação com a vida e a auto avaliação emocional ($r=.36, p<.01$), uma relação positiva e significativa na avaliação das emoções dos outros ($r=.22, p<.01$), também uma correlação positiva e significativa com a regulação das emoções ($r=.39, p<.01$) e com a utilização das emoções ($r=.32, p<.01$).

Quanto ao desempenho académico existe uma correlação significativa com a auto avaliação emocional ($r=.08, p<.05$), com a avaliação emocional dos outros ($r=.08, p<.05$) e, por fim, com a regulação das emoções ($r=.13, p<.01$).

Tabela 2. Medidas, Desvio padrão (DP) e Correlações (r) das variáveis em estudo (N=735)

	Média	DP	r					
			AAE	AEO	RE	UE	SV	DA
AAE	4.55	.88						
AEO	4.32	.83	.40**					
RE	4.43	.94	.39**	.29**				
UE	3.97	1.03	.38**	.38**	.42**			
SV	5.19	1.07	.36**	.22**	.39**	.32**		
DA	15.38	1.54	.08*	.08*	.13**	.07	.02	

Nota: AAE (auto avaliação emocional); AEO (avaliação emocional dos outros); RE (regulação das emoções); UE (utilização das emoções); SV (satisfação com a vida); DA (desempenho académico); ** $p<.01$; * $p<.05$

4.3. Modelos de Equações Estruturais

Par testar as hipóteses desta investigação recorreu-se ao modelo de equações estruturais (MEE). Estabelecendo relações diretas entre as diferentes dimensões da IE

com a SV e com o DA. Verificamos que o ajustamento de dados foi adequado (χ^2 (179) = 665.33, $p < .001$; SRMR = .04; CFI = .94; TLI = .93; RMSEA = .06). Dessa forma podemos verificar se as hipóteses foram confirmadas ou refutadas (ver Figura 2).

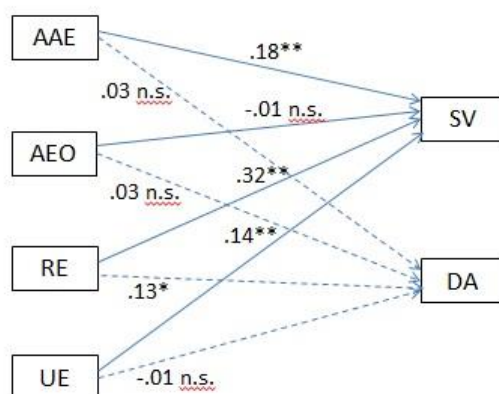


Figura 2. Esquema dos resultados das hipóteses

Nota: n.s. (não significativa); * $p < .05$; ** $p < .01$

Como é possível observar na figura, respeitante à **Hipótese 1** verificamos que a AAE, RE e UE têm uma relação positiva e significativa com a SV. Contudo a AEO não estabeleceu uma relação significativa com a SV. Assim a Hipótese 1 é parcialmente suportada. Relativamente à **Hipótese 2** verificamos que a RE está relacionada positiva e significativamente com o DA. Contudo as restantes dimensões da IE (UE; AEO; AAE) não tem uma relação significativa com o DA. Então a Hipótese 2 é igualmente parcialmente suportada.

5. Discussão de Resultados

Este estudo investigou a relação entre a inteligência emocional, a satisfação com a vida e o desempenho académico. Como referido anteriormente, esse é um modelo

simples de explicação direta. Estamos a avaliar como a IE explica o aspeto geral da SV e o aspeto objetivo da média. Nossas hipóteses iniciais, confirmam que a Inteligência Emocional é boa preditora, quer para o bem-estar geral quer para o desempenho dos alunos. Nesse contexto, é de carácter emergente desenvolver a Inteligência Emocional nos estudantes de medicina porque, não só melhora o seu bem-estar geral (satisfação com a vida), como também proporciona uma melhoria na média do curso.

Relembrando, as dimensões da inteligência emocional (auto avaliação das emoções, avaliação das emoções dos outros, regulação das emoções e uso das emoções) e de acordo com estudos anteriores, as pessoas que possuem índices positivos nesses critérios, apresentam-se socialmente mais adaptados; são extrovertidos; alegres; pouco preocupados com situações desconfortáveis; são em geral mais compreensivos e carinhosos nas suas relações e além disso, sentem-se bem com eles mesmos e com os outros (Goleman, 1995).

Na nossa investigação pudemos verificar que o desempenho dos alunos não é influenciado pelo bem-estar, mas é influenciado por uma das dimensões da Inteligência Emocional, nomeadamente através da subescala da **regulação de emoções**, a qual sugere que o aluno que possuir capacidade de perceber, expressar, avaliar e controlar as suas próprias emoções está, à partida, habilitado a promover o seu próprio crescimento emocional e intelectual, reagindo de forma inteligente no momento adequado.

Neste estudo, como no de Vaillant (1977) mencionado em Goleman (1995), também observamos que aqueles que obtiveram notas mais elevadas na universidade não apresentavam maior satisfação com a vida.

5.1. Limitações e estudos futuros

Como limitações ao presente estudo observámos que não podemos estabelecer relações causais por não se tratar de um estudo longitudinal; a Inteligência Emocional e a Satisfação com a Vida foram avaliadas pelo mesmo questionário; é um estudo ideográfico que compreende apenas uma amostra segmentada relativa aos estudantes de medicina, cujo resultado não pode ser extrapolado a outras realidades académicas, nomeadamente ao que se refere a outras culturas.

Sendo assim, por este estudo ter sido realizado apenas com estudantes universitários portugueses, seria interessante investigar se o mesmo resultado ocorre com alunos de outros países. Podendo considerar como contributo para o futuro, a emergência na elaboração de projetos que envolvam a promoção educativa de competências relativa à componente - regulação das emoções.

Afinal, seria uma oportunidade para o aperfeiçoamento das características na aprendizagem do desenvolvimento de habilidades como: permanecer aberto a sentimentos, quer sejam bons ou maus; atrair ou distanciar determinadas emoções após o seu julgamento; regular as próprias emoções tendo em conta os seus aspetos positivos ou negativos sem exageros ou repressões (Mayer, Salovey & Caruso, 2000) e consequentemente encontrar um percurso caracterizado pelo sucesso necessário ao cumprimento integral das metas objetivadas.

5.2. Conclusão

O objetivo do presente estudo é avaliar o impacto que a inteligência emocional exerce sobre a satisfação com a vida e o desempenho académico, de uma amostra constituída por alunos do curso de medicina em Portugal. Os resultados obtidos sugerem que a componente de regulação das emoções influencia o bem-estar geral e a média final do aluno. Verificou-se que o item da regulação na inteligência emocional está associado ao sucesso da meta a atingir.

De uma forma geral o estudo transmite uma chamada de atenção para a existência de um papel importante desempenhado pela inteligência emocional, evidenciado pela sua capacidade de interferir em determinados acontecimentos no plano emocional com consequências diretas no desempenho cognitivo. Seria de interesse público que as instituições do Ensino Superior incluíssem nos currículos académicos uma cadeira específica sobre este constructo, orientando os alunos no sentido da auto monitorização desde o início do seu percurso académico.

Além disso, visto que é observada, no meio universitário, uma população heterogénea de estudantes, um outro ponto de incentivo que também convém sugerir está relacionado, horizontalmente, a nível dos docentes. Como educadores, caso sejam orientados *a priori* nesse sentido, podem vir a ser uma peça chave no desenvolvimento cognitivo do aluno sobre as competências emocionais em questão visto que, de acordo com Mayer & Salovey (1997) em estudos anteriores, se afirma que uma competência emocional é mais relevante que a competência cognitiva para a postura do indivíduo no meio em que está inserido, conclusão que por sua vez incide nos alunos do Ensino Superior, domínio da nossa investigação.

Finalmente, lembrando palavras de Goleman (1995), “a vida emocional é um domínio que pode ser tratado com maior ou menor perícia, e exige o seu próprio conjunto de competências específicas... a aptidão emocional é uma meta-habilidade que determina o modo melhor ou pior de como seremos capazes de usar outras capacidades que possamos ter, incluindo o intelecto puro”.

6. Referências Bibliográficas

- Alonso, J. I., Alonso, A., Balmori, A. & Grupo GAPPA (2002). *Psicología. Bachillerato*. Madrid: McGraw-Hill/Interamericana de España, S.A.U.
- Anderson, J. C. & Gerbing D. W. (1988). Structural Equation Modeling in Practice: A Review and Recommended Two-Step Approach. USA: Psychological Bulletin, vol. 103 (3), pp 411-423.
- Arbuckle, J.L., 2003. Amos 5.0 update to the amos user's guide. SmallWaters, Chicago Illinois, USA.
- Bar-On, R. (1997). The Bar-On Emotional Quotient Inventory (EQ-i): A test of emotional Intelligence. Toronto: Multi-Health Systems.
- Berrocal, P. F. & Pacheco, N. E. (2015) La Inteligencia Emocional como una habilidade essencial en la escuela. OEI-Revista Iberoamericana de Educación (ISSN: 1681-5653) Espanha: Universidad de Málaga.
- Carvalho, V. S., & Chambel, M., J. (2014). Work-to-Family Enrichment and Employees' Well-being: High Performance Work System and Job characteristics. Social Indicators Research, 119: 373-387. doi:10.1007/s11205-013-0475-8

- Carvalho, V. S., Guerrero, E., Chambel, M. J., González-Rico, P. (2016). Psychometric properties of WLEIS as a measure of emotional intelligence in the Portuguese and Spanish medical students. *Evaluation and Program Planning*, 58, 152-159. doi: 10.1016/j.evalprogplan.2016.06.006
- Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J., Griffin, S. (1985). The Satisfaction with Life Scale. *Journal of Personality Assessment*, 49, 71-75. Em <http://internal.psychology.illinois.edu/~ediener/SWLS.html>
- Diener, E., Sandvik, E., Seidlitz L., Diener, M. (1993). The relationship between income subjective well-being: Relative or absolute? *Social Indicators Research*, 28, 195-223.
- Davies, M., Stank, L., & Roberts, R. D. (1998). Emotional intelligence: In search of an elusive construct. *Journal of Personality and Social Psychology*, 75(4), 989-1015.
- Ekman, P., (2003). Darwin, Deception, and Facial Expression. In Ekman, P., Campos, J. J., Davidson, R. J., & de Waal, F. B. M. (Eds.), *Emotions inside out: 130 years after Darwin's: The expression of the emotions in man and animals* (pp. 205-221). New York, NY: New York Academy of Sciences.
- Feitosa, F. B., Matos, M. G., Del Prette, Z. A.P., Del Prette, A. (2009). Desempenho acadêmico e interpessoal em adolescentes portugueses. *Psicologia em Estudo*. Maringá, v. 14, n. 2, p. 259-266, abr./jun.
- Filliozat, I., Cunha, L., de Barros Brito, M. T., & Mesquita, A. (1997). *A inteligência do coração: rudimentos de gramática emocional*. Lisboa: Editora Pergaminho.
- Goleman, D. (1995). *Inteligência emocional*. 1ª Ed. Maia: Temas e Debates. Círculo de Leitores.
- Howard, A. (1986). College experiences and managerial performance. *Journal of Applied Psychology*, 71(3), 530-552.

- Igue, E. A., Bariani, I. C. D., (2008). Vivência acadêmica e expectativas de universitários ingressantes e concluintes. Itatiba: PsicoUSF v.13 (2) dez., 155-164. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712008000200003
- Law, K. S., Wong, C. S. & Song, L. J. (2004). The construct and criterion validity of emotional intelligence and its potential utility for management studies. *Journal of Applied Psychology*, 89, 483-496.
- Mayer, J. D., & Salovey, P. (1995). Emotional intelligence and the construction and regulation of feelings. *Applied and Preventive Psychology*, 4, 197-208.
- Mayer, J. D. & Salovey, P. (1997) What is emotional intelligence? En P. Salovey y D. Sluyter (Eds). *Emotional Development and Emotional Intelligence: Implications for Educators* (pp. 3-31). New York: Basic Books.
- Mayer, J., Salovey, P., & Caruso, D. (2000). Models of emotional intelligence. In R. Sternberg (Ed.), *The Handbook of intelligence* (pp. 396-420). Nova Iorque: Cambridge University Press.
- Monteiro, M. & Santos, M. R. (1995). *Psicologia*. Porto: Porto Editora.
- Novo, R. (2003). *Para além da eudaimonia: O Bem-estar psicológico em mulheres na idade adulta avançada*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian: Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Pacheco, N. E. & Berrocal, P. F. (2003). La inteligência emocional: Métodos de avaliação na aula. *Revista Iberoamericana de Educación* (ISSN: 1681-5653 Espanha: Universidad de Málaga
- Rodrigues, N., Rebelo, T., & Coelho, J. V. (2011). Adaptação da Escala de Inteligência Emocional de Wong e Law (WLEIS) e análise da sua estrutura factorial e fiabilidade numa amostra portuguesa. *Psychologica*, (55), 189-207.

- Salovey, P. & Mayer, J. D. (1990). Emotional Intelligence. *Imagination, Cognition and Personality*, 9(3), 185-221. doi:10.2190/DUGS-P24E-52WK-6CDG.
- Soares, A. B., Francischetto, V., Dutra, B. M., Miranda, J. M., Nogueira, C. C., Leme, V. R., Araujo A. M. & Almeida, L. S. (2014). O impacto das expectativas na adaptação acadêmica dos estudantes no Ensino Superior. *Psico-USF*, 19(1), 49-60.
- Sullivan P, Buske L. Results from CMA's huge 1998 physician survey point to a dispirited profession. *Canadian Medical Association Journal*, targeting female physicians. 1998; 159(5):525–8
- Vailant, G. (1977). *Adaptation to Life*. Boston: Little Brown
- Veloso, H. (2010). Factores, representações e práticas institucionais de promoção do sucesso escolar no Ensino Superior (Vol. 16). Universidade do Porto.
- Wechsler, D. (1943). Non-intellective factors in general intelligence. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 38, 101-103.
- Wechsler, D. (1944). *The measurement of adult intelligence*. 3^a ed. Baltimore: The Williams & Wilkins Company.
- Wechsler, D. (1975). Intelligence defined and undefined: A relativistic appraisal. *American Psychologist*, 30 (2): 135-139
- Wong, C., & Law, D. S. (2002). The effects of leader and follower emotional intelligence on performance and attitude: An exploratory study. *Leadership Quarterly*, 13, 243-274.

Outras referências:

Palavra "emoção", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/DLPO/emo%C3%A7%C3%A3o> [consultado em 30-03-2016].

UNESCO (1998a) Declaración mundial sobre la educación superior en el S. XXI. Paris: Unesco. Disponível em http://www.unesco.org/education/educprog/wche/declaration_spa.htm.